

CONFLUÊNCIAS ENTRE PRESENTE E PASSADO EM *MAD MARIA DE MÁRCIO SOUZA*

*CONFLUENCE BETWEEN
PRESENT AND PAST IN MAD
MARIA BY MÁRCIO SOUZA*

Jeciane de Paula Oliveira
(UNEMAT)¹

Olga Maria Castrillon-Mendes
(UNEMAT)²

RESUMO: O objetivo desse trabalho é revelar as memórias de determinadas personagens entranhadas na Amazônia e a

¹ Doutoranda em Estudos Literários (PPGEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. CEP: 783000-000, e-mail: jeycydepaula@hotmail.com

² Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. CEP: 783000-000, e-mail: olgmar007@hotmail.com

função que essas lembranças exercem na personagem e no grupo a que pertence. Lembranças essas que aparecem no romance *Mad Maria*³ (2005) através do imbricamento entre a voz das personagens e do narrador. Desse modo, em um primeiro plano, a nacionalidade a ser destacada é a dos barbadianos. Nessas personagens, a memória é aliada da religião e tem a função de manter a unidade desse grupo em meio à construção da ferrovia; posteriormente, sobressaem-se os alemães. Nesses indivíduos, a memória impulsiona-os a buscar a liberdade, fugindo da construção da ferrovia; em seguida, apresentaremos a tensão que esses dois grupos vivem diariamente (alemães x barbadianos). Movidos pela memória coletiva histórica impregnada em suas mentes, os alemães degradam os barbadianos, estes, por sua vez, não são impunes de pré-concepções, repetem o ato de humilhação com os hindus. Assim, a memória se manifesta como um liame entre o indivíduo e suas próprias lembranças (memória individual) e entre o indivíduo e as lembranças de seu povo (memória coletiva).

PALAVRAS-CHAVE: Márcio Souza. *Mad Maria*. Memória.

ABSTRACT: The aim of this study is to reveal the memories of certain characters embedded in the Amazon and the role that these recollections have on character and the group to which it belongs. These recollections that appear in the novel *Mad Maria* (2005) through the overlapping between the voice of the characters of the narrator. Thus, in a first plane, the nationality to be highlighted is that of Barbadians. These characters, memory is an ally of religion and serves to maintain the unity of this group through the construction of the railroad; later, excel them Germans. In these individuals, memory drives them to seek freedom, escaping the railway construction; then present the tension that these two groups live daily (German x Barbadians). Moved by collective historical memory steeped in their minds, the Germans degrade the Barbadians, these, in turn, are not away with preconceptions, repeated the act of humiliation with the Hindus. Thus memory manifests itself as a link between the individual

and his own memories (individual memory) and between the individual and the memories of his people (collective memory).

KEYWORDS: Márcio Souza. *Mad Maria*. Memory.

Considerações iniciais

A ferrovia se constitui como ponto de encontro para que as personagens que vivem em torno dela rememorem o caminho que trilharam até chegarem à Amazônia. Entretanto, essas lembranças não são narradas exatamente pelas personagens, mas pelo imbricamento da voz do narrador à voz das personagens. Assim, no decorrer da narrativa que foca a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré em meio à Amazônia, no início do século XX, os trabalhadores da construção revelam pouco a pouco as suas memórias. São memórias individuais retomadas à medida que o romance é narrado. Desta forma, passado e presente se mesclam, formando uma unidade na narrativa.

Em tal construção, homens de diversas nacionalidades são postos lado a lado. Nesse sentido, a estrada de ferro Madeira-Mamoré, localizada em meio a Amazônia brasileira, reuniu além de barbadianos, gregos, portugueses, espanhóis, alemães, japoneses, outros povos das mais diversas nacionalidades. São pessoas que saíram de suas terras, aspirando fortuna, melhores condições de vida e foram convencidos de que, ao chegarem à Amazônia, encontrariam o “paraíso”. Somam-se a estes, aqueles que vieram, literalmente, forçados. Tratam-se de brasileiros desterrados em consequência da revolta dos marinheiros da armada, sendo a maioria composta por negros e mestiços, compondo uma espécie de reconstrução do mito do Eldorado em novas dimensões históricas e sociais.

Cada uma das personagens apresentava uma razão para estar ali. Talvez, para uns, a Mad Maria fosse a última esperança, devido ao longo período de desemprego que enfrentaram em suas terras;

para outros, estavam em busca de riquezas. Na obra *Trem fantasma: a modernidade na selva*, Francisco Foot Hardman analisa o contingente humano de duzentos homens que foram destinados para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Entre esses trabalhadores do mar, foram agrupados “[...] centenas de operários, vagabundos, prostitutas e outros “desclassificados” [...]”, assim o governo de Marechal Hermes da Fonseca aproveita-se do episódio para “[...] sanear os movimentos sociais urbanos da Capital Federal” (HARDMAN, 1988, p. 156).

Esses homens, de diferentes espaços e com experiências díspares, conviviam em um mesmo ambiente, dividindo sonhos e expectativas, mas principalmente, compartilhando memórias, num período de intensificação da ideia de progresso. Formam um grupo de indivíduos em um mesmo espaço, narrando histórias únicas, mas que também são coletivas. Essas personagens são constituídas no trânsito e com a incerteza de um futuro, especialmente aquele pretensamente prometido no ambiente amazônico. Nessa perspectiva de análise, este trabalho se aterá a revelar essas memórias, constituintes fundamentais da teia romanesca proposta pelo narrador.

São duas as nacionalidades que se destacam: barbadianos e alemães. Cada uma tem uma personagem central que representa o grupo e são devidamente nomeadas. Os demais são anônimos. A eles não é dada voz. Os barbadianos, são representados pela personagem Jonathan; os alemães, por Günter.

Os filhos de África na Amazônia

Descendente de escravos capturados no Daomé, em África, Jonathan fazia parte dos milhares de trabalhadores da estrada de ferro Madeira-Mamoré que adentraram a Amazônia, seduzidos pelo desejo de enriquecimento e terras de fácil aquisição. Contudo, essa personagem não se resumia em si mesma, carregava consigo a

trajetória de seu povo, há muito aviltado e envilecido pela escravidão, o que iria se intensificar no novo espaço de trabalho.

Refletindo sobre a escravidão na África Atlântica, o especialista americano em história da África e dos movimentos diaspóricos, John Thornton pontua sobre o papel do continente africano na formação do mundo atlântico. Recorre ao argumento que reconhece as consequências das navegações europeias. Se por um lado, o movimento humano abre algumas áreas da África para o mundo, por outro, aumenta os conflitos oriundos da combinação de rotas marítimas e fluviais por onde eram transportados os escravos, considerados a única forma de propriedade privada reconhecida pelas leis africanas que produzia rendimentos (THORNTON, 2004, p. 125-7). Enquanto nas sociedades europeias, a terra era a principal forma de propriedade privada lucrativa, em África, a propriedade da terra era corporativa. Assim, na Europa a venda de escravos ocupava posição inferior, visto que a posse de terra era pré-condição para a detenção de escravos. Ao passo que em África a escravidão tinha posição de destaque.

Antes da chegada dos europeus ao continente, os africanos já possuíam a prática de escravizar seus semelhantes, entretanto a comercialização era feita em pequenas proporções. Havia diferentes tipos de escravos: os que trabalhavam na agricultura de subsistência, os que realizavam atividades domésticas, os reprodutores, cujo dever era aumentar o número de dependentes, ou de um clã.

A obtenção de um escravo podia ocorrer de diferentes maneiras: sequestro de crianças que posteriormente seriam vendidas como escravas, criminosos que poderiam receber o cativo como punição de seus atos, pessoas endividadas que eram tomadas como cativas por seus credores, indivíduos muito pobres que pediam para serem escravizados, pensando em ter como se alimentar. Contudo, a principal fonte era a guerra. Após vencer uma batalha, o povo perdedor era escravizado pelos vencedores.

Em guerra com os nagôs, a tribo a que os antepassados de Jonathan pertenciam – os fons – foi derrotada, e alguns de seus homens e mulheres foram aprisionados. Essa é a ponta inicial do percurso feito pelos daometanos e que se encerra na Amazônia.

Saíram do Reino do Daomé em África, lugar onde lutaram contra os guerreiros nagôs, perderam e foram trocados por objetos com um mercador árabe, o qual vendeu os daometanos como escravos para um navio negreiro; depois foram para o Haiti trabalhar na plantação de cana de açúcar, até que uma grande rebelião de escravos amedrontou o senhor de escravos que se mudou para Barbados. Os daometanos, como escravos, acompanharam o senhor e nesse espaço, trabalharam na plantação de tabaco. Em seguida, já livres, serviram como mão de obra no Panamá, construindo um canal; e, posteriormente, na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré na Amazônia.

Assim, em séculos, a história dos familiares vai de África à Amazônia, dois espaços usurpados pelo velho mundo. O primeiro (a África), arrasado. O segundo (a Amazônia), desejado. Espaços que comungam um fator histórico: a cobiça dos exploradores europeus, situação narrativa em que se encontram as personagens do romance em análise.

Em *Mad Maria* as personagens são constituídas no trânsito e com a incerteza de um futuro, especialmente aquele pretensamente prometido no ambiente amazônico. Assim, pode-se dizer que a personagem Jonathan de *Mad Maria* se caracteriza pelo não lugar, pois não tem consciência do espaço ocupado. Feito um barco à deriva, sabe de onde veio, entretanto, compreende também que seu espaço original, após tantas mudanças – seja por vontade própria ou alheia – não é mais o Reino do Daomé em África, nem tampouco a Amazônia. Simplesmente, não há mais espaço original. Desenvolveu a capacidade de um Camaleão. Adapta-se em qualquer circunstância e em qualquer espaço físico, mas de igual modo, em qualquer circunstância ou espaço, se sente deslocado.

Ao tratar desses espaços nômades, de populações em deslocamentos, o crítico Edward Said afirma que “nossa época moderna, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, *da pessoa deslocada*, da imigração em massa” (SAID, 2003, p. 47, grifo nosso). O exílio, então, não é uma questão de escolha “nascemos nele ou ele nos acontece”, como assevera Said (ibidem, p. 57). O importante é que não se acomode a ele, pois é preciso aprender com os deslocamentos a que o indivíduo está sujeito. Se se pensar que a cultura ocidental do século XX é fruto de construção de emigrantes e refugiados, pode-se entender os aspectos mais doloridos do exílio para a humanidade, como ele mesmo diz: “tristeza, dor mutiladora, perda, angústia, mudez, negação da dignidade e da identidade, punição política, solidão miserável, privação, banimento (ibidem, p. 46-60), como acontece com as personagens do romance em foco e mesmo para aquelas que, ao final, entregam-se às contingências, rompem as barreiras da experiência, assumem outras posturas, não permitidas anteriormente.

Os barbadianos e a religiosidade

Embora, tenham vivido em distintos territórios, os trabalhadores daometanos, nomeados pelo narrador de barbadianos, devido ao último local que fixaram residência, permanecem unidos. Fator atribuído à religião que praticavam, o Vodou.

Apesar da maioria dos homens africanos escravizados e transportados para outros continentes se afastarem de sua religião de origem e adotarem a prática dos senhores, os antepassados de Jonathan permaneceram fiéis aos seus cultos ancestrais. Com efeito, transmitiram as suas crenças de geração a geração, permitindo a difusão de suas práticas religiosas entre os descendentes.

O narrador de *Mad Maria* esclarece que os daometanos, pelos diversos lugares que passaram, realizavam suas cerimônias de forma escondida, pois eram perseguidos pelas autoridades coloniais. Desse modo, é sabido que as religiões de origem africana sempre sofreram segregação, especialmente em países de maioria cristã, como o Brasil. O cristão vê de forma negativa a prática Vodú. Exime-se de pesquisar e conhecer as crenças de outros, logo, o imaginário cristão é alimentado apenas com imagens pré-concebidas.

Para Bastide (1985, p. 117-120), as religiões afro-brasileiras tiveram papel de resistência à dominação do colonizador europeu, além de funcionarem como uma espécie de guardião da memória cultural de África. Ainda que Bastide não cite diretamente o Vodú, atribuímos a ele a mesma situação do Candombé, Umbanda e outras práticas do sincretismo religioso. Essas religiões permanecem, ainda hoje, na marginalidade, nomeadas de macumba e/ou feitiçaria.

Em *Mad Maria*, o médico irlandês Finnegan trava um embate com os barbadianos. Finnegan é um homem católico, mesmo que a vivência na construção da estrada de ferro tenha enfraquecido sua fé, o médico ainda guarda consigo resquícios de uma crença centralizadora, ao passo que visualiza as crenças de outrem como tolice. É possível verificar o grau de preconceito desta personagem com relação ao sincretismo criado no ambiente da ferrovia. Num espaço de convivência entre tantas etnias, a pluralidade cultural se manifesta e é retaliada por esta personagem que vivia no limite: acostumado a uma vida de requintes, o ambiente em que vivia na ferrovia era totalmente diferente. Confuso, a ideia de lutar por sua crença cristã e renegar a dos outros, talvez fosse o resquício de apego a sua antiga vida.

No espaço em que Finnegan vivia na ferrovia, a morte era uma companhia diária para ele. A longa jornada de trabalho, a carência de habitação e alimentação adequadas, falta de higiene, as diversas doenças e, principalmente, a escassez de remédios e equipamentos médicos faziam vítimas rotineiras na estrada de ferro

Madeira-Mamoré. A Finnegan, responsável pelo trabalho de prevenção e tratamento de doenças, restava o papel de legista. A ele foi dada a incumbência de fazer autópsias nos mortos e escrever relatórios, especificando, quando possível, a causa das mortes. Os barbadianos, entretanto, não aceitavam que nenhum branco tocasse em seus mortos. A explicação estava em histórias contadas por seus antepassados:

Um velho nagô havia lhe contado que um agenciador de mão-de-obra muito ganancioso, preto retinto, no início das obras [no Panamá], aparecera dirigindo uma fila de dez criaturas silenciosas, as vestes rasgadas sujas de terra e que andavam como se nunca tivessem despertado de um profundo sono. [...] Os homens silenciosos trabalhavam de sol a sol e nunca paravam para descansar, nem mesmo para beber água ou almoçar. [...] Não pareciam ter sangue e a pele negra estava pardacenta e descorada. [...] O engenheiro-chefe estava comendo amendoim e ofereceu para cada um deles. Eles aceitaram, recebendo o amendoim na palma da mão e engolindo-o sem mesmo tirar a casca. [...] Mal os homens mastigaram os amendoins salgados, começaram a soltar gritos terríveis e a correr. [...] até que chegaram ao cemitério da construtora onde eram enterrados os que ali morriam durante o trabalho. Cada um deles encontrou um túmulo e começou a cavar freneticamente, mas, ao contato com a terra, exalaram um fedor de carne podre e desabaram sem vida (MM, p. 125-126).

Jonathan acreditava que depois de mortos, homens gananciosos poderiam ressuscitá-los e forçá-los a serem escravos, tornarem-se *zombies*. Por isso, tinha um pacto com seus conterrâneos, garantindo que ninguém mexeria em seus corpos. Para tal, cuidavam da cova dos seus até três dias após a morte do indivíduo. Sobre essa prática ancestral, Ana Mafalda Leite (1998, p. 91) destaca que

[...] não é certamente estranho o facto de a memória das sociedades de tradição oral se cristalizar em torno dos antepassados ancestrais. O passado institui-se como uma referência insubstituível, à qual a

comunidade vai buscar a inspiração para a sua conduta no presente, bem como o exemplo para a explicação dos fenômenos com que depara.

Mais que quaisquer sociedades ocidentais e capitalistas, as sociedades de tradição oral, como muitas comunidades africanas, entre elas, os fons valorizam o passado e tem nele o espelho do presente e as respostas para as ações que devem ser feitas. As crenças e tradições são preservadas por meio da narrativa, não escrita, mas oral. É o contar de pai para filho que garante a sobrevivência da tradição e cultura dessas sociedades. Assim, mesmo o passar das gerações, dos anos e as diversas mudanças de espaço não fazem essas personagens, do romance *Mad Maria*, perderem o fio condutor de sua raiz primeira. A língua foi modificada, aderiram à falada pelos senhores de escravos. As vestimentas foram alteradas. Contudo, a religião não se dissipou.

O narrador de *Mad Maria* busca nas narrativas orais africanas o ingrediente principal para dar sabor ao relato sobre a tribo dos fons. Ana Mafalda Leite afirma, ainda, que é “característica das narrativas orais as personagens possuírem poderes mágicos, viverem acontecimentos de ordem mágica, bem como terem de se defrontar com inimigos possuidores desses poderes, ou serem afectados por fenômenos sobrenaturais” (LEITE, 1998, p. 92).

O narrador traz o elemento mágico como parte de uma memória coletiva, fundamental para garantir a unidade do grupo em todos os caminhos pelos quais passaram. Esse elemento mágico, tão característico da realidade Latino-Americana, traz especificidades que Alejo Carpentier (1985) chama de *real maraviloso*, pois está ligado aos acontecimentos ocorridos na América, que não tem a ver com o surrealismo ou o realismo mágico, mas um *real maraviloso* em estado bruto, latente, onipresente, quase trágico em toda a América Latina que recupera a visão dos primeiros colonizadores.

Pensando no romance em análise, a magia pode ser vista, por exemplo, nos descendentes da tribo dos fons que mostram apego à

religião de origem e lutam para permanecerem com suas crenças inalteradas. Tal fato denota uma tentativa de reafirmação de identidade e ressignificação do sentimento de pertencimento a um grupo, afinal, a religião é o fator determinante para a unidade dos trabalhadores barbadianos na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré.

O médico Finnegan sem conhecer as crenças dos barbadianos descendentes dos fons, realizava autópsia em todos os corpos. Fato que não agradou a Jonathan e seu companheiro que surpreenderam o médico na enfermaria ameaçando-o de morte. Um acidente foi evitado pela chegada do engenheiro Collier, a quem os barbadianos muito respeitavam, pois trabalharam com ele também na construção do Canal do Panamá. E

[s]ó então Finnegan conseguiu medir os seus agressores e viu que não passavam de dois homens bastante magros, o que se chamava Jonathan tinha a estatura alta e articulações nodosas recobertas de pele rugosa e solta. Famintos, pensou Finnegan, dois miseráveis subalimentados preocupados com *superstições primitivas*. A criatura humana era mesmo ridícula às vezes (MM, p. 55, grifos nossos).

A ideia que Finnegan, homem branco, católico e rico tem sobre as crenças de outrem começa a ser revelada. O médico nomeia a fé alheia de “superstições primitivas”. Sagazmente, o narrador apresenta os pensamentos mais sutis do jovem médico. Ao olhar para a cova de dois barbadianos enterrados recentemente, falou para si mesmo: “– Zombie? – murmurou o médico, olhando para as covas na única certeza que podia ter agora. Aqueles dois nunca mais voltariam a ser molestados. E se um dia tivessem que sair daquelas covas, este dia seria o do juízo final” (MM, p. 102).

É na instância da fala que a personagem demonstra a ideologia de uma sociedade. Finnegan é a representação dos povos europeus, logo sua visão é centrada em si e seus ideais cristãos. Para ele, a fé

dos barbadianos não passa de credices bobas. Assim, zomba da crença alheia. Ao atestar que a única forma dos mortos ressuscitarem é o dia do “juízo final” – termo bíblico – revela o seu íntimo, em que a reflexão sobre a cultura de outros povos não é cogitada. O médico envolvido em suas *verdades* cristãs convive, inicialmente, com a noção de certo e errado, na qual, o cristianismo é o certo e todas as outras crenças são erradas e tolas. No entanto, no decorrer da narrativa, o dogmatismo do médico vai-se esvanecendo, tomado pelo meio, um sentimento de descrença no ser humano, assim como pensamentos que remetem a impossibilidade de mudanças que pudessem melhorar o espaço em que viviam são marcantes na construção da personagem Finnegan.

A religião dentre os fatores culturais - conhecimentos, crenças, artes, leis, costumes e ritos – é a principal causadora de intolerâncias, visto que está pautada na crença em “divindades”, por conseguinte traz os dogmas como verdade absoluta, por isso, as demais crenças são consideradas inaceitáveis pelos integrantes de determinado grupo religioso.

A religião é para os fons o elemento unificador que os faz lembrar da mátria – África. Desta forma, em algumas noites enluaradas “[...] os barbadianos reuniam-se num local afastado, acendiam uma fogueira e saudavam seus fongbés, cantando numa língua que perdera o significado para eles” (MM, p. 126). A canção entoada pelos descendentes da tribo fon é apresentada *ipsis litteris* pelo narrador de *Mad Maria*:

– Yi...yi...yi...yi!
Yi...yi...yi...yi!
Yi...yi...yaá!
Yi...yi...yaá!
Garder em bas gaillard;
Ou oué iune bout de couteau;
Ou oué iune tête Poisson;
Ou ouéiune bom borri;

Prends, you – Porter –
Bai moins (MM, p. 126-127).

Embora a língua utilizada na composição da canção já não exprima qualquer sentido para eles. O ato de cantar e o ritual empregado em torno desse ato eram responsáveis por alimentar a esperança de vida naquele espaço. Assim, a canção ao ser imbricada ao romance tal qual os filhos de África entoavam, traz autenticidade ao relato.

O apego à religião e à cultura dos antepassados pode ser justificado como o único elemento que fortalecia a ideia de que permaneciam vivos, uma vez que devido ao sofrimento que passavam, em algumas circunstâncias perdiam a noção do que seria a vida ou a morte. Restavam-lhes as lembranças, portanto “[...] cantavam e dançavam o vago apetite de sobreviver ao inferno em que estavam, e em cada gesto retomavam as lembranças de seus avós [...]” (MM, p. 127).

Ao sofrimento era atribuído o espaço em que habitavam: a Amazônia, e as péssimas condições de trabalho fornecidas pela empresa responsável pela construção da estrada de ferro. Por conseguinte, a comparação da construção da estrada de ferro ao “inferno” é feita várias vezes no romance, tanto pelo narrador, quanto pelas diversas personagens, especialmente pela personagem Collier.

Finnegan, ao reclamar ao engenheiro sobre o seu dever de registrar a causa da morte de cada trabalhador da Madeira-Mamoré, recebe como resposta:

[n]ão se preocupe, rapaz. As mortes são tão óbvias aqui que basta olhar o cadáver para saber as razões do desenlace. Escreva o que vier na cabeça, use a imaginação. Ninguém vai pensar em verificar a *causa mortis* real de todo desgraçado que levar a breca neste *inferno* (MM, p. 57, grifos nossos).

Assim, o espaço em que os descendentes dos fons viviam não era, de forma alguma, considerado *casa*. Após várias gerações, já não se lembravam da vivência em África, antes da escravização e diáspora africana, entretanto também não encontravam em nenhum lugar o sentimento de pertencimento, igualmente não tinham a ideia de porto seguro que se tem quando se volta para casa, pois o ideal de *lar* já estava distante. Agora, eram como folhas soltas que iam aonde o vento levasse.

Odete Costa Semedo (2010, p. 64) destaca que a voz e a palavra são “[...] o veículo da tradição, daí ser a palavra algo de grande importância na tradição africana, pois tal como ela pode unir e preservar, assim também, quando mal usada, tem força destruidora”. No caso dos fons, a voz, a palavra, as canções serviram para preservar a tradição. Manter viva a memória do indivíduo, do povo fon. Assim, ao recordar das canções e histórias de seus antepassados e mantê-las acesas, Jonathan constrói sua memória e contribui para a construção da memória coletiva, isto é, do grupo fon habitando a Amazônia.

Nesse sentido, verifica-se que as crenças religiosas são o principal “lugar de confluência” da memória entre os filhos de África na Amazônia ou, como quer Carpentier, a “mentalidade mítica mágica” dos nativos americanos. Senão, é o ponto que traz a memória do grupo outros elementos constituintes de sua cultura. Desta forma, as crenças religiosas influenciam na formação das identidades e, conseqüentemente, nas práticas sociais.

As práticas religiosas exercidas pelos trabalhadores da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré de origem africana provocaram divergências culturais ocasionadas pela existência de diferentes formas de crenças. Assim, o estranhamento apresentado nas personagens, especialmente no médico cristão Finnegan, tipifica o comportamento absurdo de alguns indivíduos que ao se depararem com culturas diferentes das suas, rejeita-as. E ao minorizá-las, não estão repudiando somente a cultura, mas o outro que a tem como prática.

No limite de tudo

Se a memória foi o elemento fundamental para manter os barbadianos unidos durante a construção da estrada de ferro, ela também teve relevância para nutrir os ideais de liberdade cultivados por outro grupo de trabalhadores, os alemães.

No grupo gerenciado pelo engenheiro Collier, havia 40 alemães. E conforme o engenheiro “[e]sses alemães estavam sem trabalho quando os agentes da Companhia descobriram eles, um bando de mortos de fome, perambulando no porto de Hamburgo” (MM, p. 27). Naquele momento, a América era para tais homens, a única esperança de sobrevivência.

Entretanto, ao estarem nesse espaço, as lembranças não os deixavam esquecer os meses de desemprego que enfrentaram na terra natal. Essa memória alimentava uma revolta que não vislumbrava inimigo certo, este seria quaisquer que lhes negassem o direito à liberdade, logo não escondiam o ódio nos olhos. Tais recordações aliadas às péssimas condições de trabalho oferecidas pela Companhia gravavam descontentamento no grupo de alemães. O passado e o presente se uniam em um só movimento, pois as lembranças eram a razão para suas ações no presente da narrativa.

O ódio latente nesses homens é intensamente visualizado quando aquele que ocupa a posição de líder dos alemães – um indivíduo “[...] baixo, forte e de cabelos revoltos e escuros. Seu nome era Günter, mas todos o conheciam como o Mouro” (MM, p. 239 – 240) – tem suas memórias reveladas pelo narrador: Günter vivia perambulando pelas ruas na Alemanha, e quando estava lá,

[a] onda de desemprego que se abateu sobre o porto de Hamburgo em 1909 aumentara a concorrência nas ruas. As greves foram barbaramente reprimidas pela polícia, muita gente morreu na rua, fuzilada pelos soldados. Centenas de trabalhadores honestos começaram a fazer

pequenos assaltos, a bater carteiras, só o desespero e a fome movendo a miséria. Naquele mesmo ano apareceram pelo porto uns norte-americanos convidando trabalhadores para irem trabalhar na América. [...] A América fascinava, e logo os norte-americanos podiam contar com quatrocentos homens prontos para embarcarem. Günter estava entre os quatrocentos sonhadores [...]. Mas a América era um continente muito grande, nenhum homem teve a curiosidade, na hora de firmar o contrato, de perguntar exatamente para que lugar da América estavam sendo contratados. E como não foram perguntados, os norte-americanos nada disseram (MM, p. 242).

Todas as lembranças geravam em Günter um desejo ferrenho de escapar, de ser livre. Por isso, ele era o líder do grupo fugitivo, não porque apresentava características próprias para a função, mas as circunstâncias o obrigaram a tomar essa posição. E era ele o que mais queria sair daquele espaço e alçar voo rumo à liberdade. Essa personagem atribuía esse anseio por liberdade aos traços herdados de sua mãe. Ela era uma prostituta de rua que tinha horror a prisão dos bordéis. Para Günter,

[...] ela sempre fora uma ratazana portuária, uma mulher magra, de seios caídos e murchos [...] sempre lhe parecera velha à luz do dia e jovem quando chegava a noite e vestia-se, pintada e sorridente (MM, p. 240).

Com essa mulher, conviveu até os quinze anos de idade. Ela era a única referência de vida que tinha, pois não sabia quem era seu pai e desconfiava que nem mesmo ela sabia ao certo qual dos homens com quem ela havia saído era o responsável por engravidá-la.

Portanto, quando Günter e seus conterrâneos chegaram à Amazônia, perceberam a cilada em que tinham se metido. Tentaram resolver a situação, intentando uma greve, entretanto o movimento não obteve êxito. A derrota trouxe mais ódio, e decidiram tomar caminhos que os conduzissem para longe do local da construção, fugiram.

O passado move as ações de Günter, são as suas lembranças de ter sido enganado pelos aliciadores que o move para fora do espaço que ele considera de segregação. Não obstante, as lembranças de Günter não geravam nele um sentimento nostálgico, exatamente. Pois sua relação com a mãe não era das melhores e a vida que tinha na Alemanha também não era precisamente adequada. Mas as lembranças o moviam para fora da Companhia, o que ele considerava uma prisão. Almejava liberdade, simplesmente.

Ainda que Günter não tenha a presença física de suas lembranças ou se una a elas estabelecendo a conjunção em um plano nostálgico, essa personagem, de certa forma, através de suas memórias, reconquista, no plano mental, o anseio por liberdade que o impulsiona a manter-se focado em busca desse objeto que está fora do seu alcance material.

Não somente a Günter, mas essa busca motiva a todo o grupo de alemães, produz esperança de que poderiam sair daquele espaço. As rememorações do passado moviam o presente, pois as personagens vislumbravam o futuro. Portanto, a memória desse grupo de trabalhadores, de certa forma, também os mantinha unidos, pois alimentavam o mesmo desejo e, naquele momento, comungavam de um inimigo comum: a companhia.

Eu entendo que vocês estão com medo. Eu também tenho medo, mas isso não tem nada a ver com covardia. Nós não somos covardes. Não podíamos continuar agüentando aquela vida. Nossos contratos com a Companhia só terminam daqui a três meses. Até lá já estaríamos todos mortos se não tentássemos esse fuga. Nós vamos atingir o rio Madeira e desceremos o rio até Manaus (MM, p. 252).

Depois da fuga, em meio à escuridão e a floresta, o medo paira sobre a mente desses indivíduos. As incertezas, as angústias, os desejos, os sentimentos se misturam e prevalece apenas o desespero de não saber para onde ir. Aqueles homens, na ansiedade

de sair da construção, não construíram um plano sistemático de fuga, simplesmente seguiram Günter e após alguns quilômetros trilhados, começaram a cair em si.

- Não quero colocar a culpa em ninguém, mas estamos sentindo que a nossa fuga não foi a melhor solução. Eu sei que ficamos entusiasmados pela facilidade com que escapamos do acampamento. Mas agora nós sabemos por que a vigilância nunca foi tão perfeita por lá. Com a selva não há necessidade de guardas, e estávamos prisioneiros sem ter consciência disso (MM, p. 255).

A fala do velho Gustav parecia expressar o sentimento de todos do grupo naquele momento, estavam atormentados pelo cansaço e sono e a ideia de voltar ao acampamento da construção da ferrovia já era uma opção. Perdidos, era a condição que se encontravam, tanto fisicamente quanto psicologicamente, pois, [...] nenhuma das opções fazia muito sentido. Eles sabiam que se retornassem ao trabalho receberiam uma boa punição, mas se continuassem fugindo o imponderável os aniquilava (MM, p. 260).

Esses homens estavam acostumados a ser dominados, que já não conseguiam dominar nem as suas próprias vidas, precisavam sempre de alguém que os dissesse o que fazer, por isso, elegeram Günter como líder e o seguiram cegamente, cobravam dele uma atitude que pudesse orientá-los, porque eles mesmos eram incapazes de gerir os seus destinos.

- Eu quero que vocês me respondam. Por acaso eu convidei alguém dentre vocês para me seguir?

Os homens negaram sacudindo a cabeça.

- Pois bem, não vou garantir nada, nem mesmo convidar para que continuem me seguindo. O que eu sei é que pretendo dormir um pouco e amanhã de manhã prosseguir até chegar no rio Madeira. Vocês estão livres para fazerem o que bem desejarem, inclusive voltar para o acampamento [...] (MM, p. 259).

Entretanto, Günter renegava essa posição de liderança de um grupo. A sua memória ditava a condição de sua existência: a solidão. Embora convivesse em grupo, aprendera que para garantir a sobrevivência, cada indivíduo deveria lutar pelos seus próprios interesses. Após ficar preso em um reformatório por um ano e meio, acusado de contrabando de ópio, Günter fugiu desse espaço, mas nunca mais voltou a viver com sua mãe.

Veza ou outra a encontrava pelas calçadas, e ela chorava, mas jamais lhe pediu que voltasse para ela. Günter entendia que devia viver por sua conta, o fato daquela mulher tê-lo parido não passava de um acidente tão fortuito quanto ela ter engravidado de um oficial turco ou coisa parecida (MM, p. 241).

Ele aprendeu a viver só, sem nutrir grandes ambições, a sua maior riqueza, porém, sempre foi a liberdade. Nenhuma forma de prisão o segurou, nem a mãe, nem o reformatório ou a companhia responsável pela construção da ferrovia. Sabia que não tinha ninguém por ele, talvez por isso só pensasse em garantir o próprio pescoço: não poderia falhar, pois não teria a quem recorrer.

Não tinham um plano sistemático de fuga, porém uma medida foi tomada para que ela fosse feita: os alemães foram à enfermaria roubar remédio para garantir um bom estado de saúde durante o trajeto de fuga, mas o médico Finnegan tentou impedi-los. Assim, o médico e Consuelo – que também estava na enfermaria – foram levados como prisioneiros: amarrados, foram jogados em tonéis de gordura carregados por mulas. Os alemães pensavam que os prisioneiros serviriam de barganha, caso a companhia tentasse algo contra eles. Pensamento que não se concretizou, pois

[t]rês mulas conseguiram escapar e [...] caminhavam pelos trilhos, instintivamente de regresso ao acampamento. Alguns barbadianos já tinham notado as mulas e corrido para segurá-las. Os animais não

fugiram e se deixaram dominar. O engenheiro Collier, ouvindo a gritaria dos barbadianos, apareceu à porta de sua tenda e observou que as mulas vinham sendo conduzidas pelo bridão (MM, p. 271 – 272).

Carregados por essas mulas, estavam justamente Finnegan e Consuelo que foram levados de volta ao acampamento da companhia. Entremeio, a narrativa segue seu curso, o narrador desvia o foco para outras personagens e, ao leitor nada é dito sobre o trajeto de fuga dos alemães. Há um corte nesse pequeno núcleo da trama e essas personagens reaparecem apenas no final da narrativa.

- Esses homens, os alemães, invadiram Santo Antônio há dois dias. Entraram na cidade como loucos. Mataram quatro moradores mas foram cercados numa casa. Alguém deu a idéia que a casa devia ser incendiada com eles lá dentro, mas a idéia não foi aceita e os alemães foram todos agarrados e assassinados. A maioria foi decapitada. Depois, colocaram os corpos novamente na balsa e rebocaram ela para cá (MM, p. 430).

O excerto acima traz o desfecho dos alemães, a descrição é feita por um guarda de segurança da companhia. Assim, o desenlace desse enredo revela a sagacidade do narrador que parece tender a tentar convencer o leitor que da construção só há uma saída: a morte.

Circuito de segregação: alemães x barbadianos x hindus

Os alemães habitavam o mesmo espaço que os demais trabalhadores da estrada de ferro Madeira-Mamoré e estavam em posição de igualdade com qualquer outro trabalhador. Eis a descrição dos trabalhadores feita pelo narrador: “[...] quarenta alemães turbulentos, vinte espanhóis cretinos, quarenta barbadianos idiotas, trinta chineses imbecis, além de portugueses, italianos e outras nacionalidades exóticas, mais alguns poucos brasileiros, todos estúpidos” (MM, p. 20). Entretanto, sentiam-se superiores a um grupo de trabalhadores, os barbadianos.

Os alemães estabeleciam uma maligna atenção especial pelos barbadianos. Inexplicavelmente, os alemães sentiam ódio pelos negros barbadianos [...] e canalizavam o ódio para os negros barbadianos com uma convicção muito forte. *Talvez os alemães fizessessem desse ódio uma espécie de última identidade que ainda podiam cultivar* (MM, p. 32 – 33, grifo nosso).

O narrador não se empenha em simplesmente narrar os episódios em que os alemães demonstravam total desprezo pelos barbadianos, ele apresenta as suas próprias conclusões. E parece tentar ler os pensamentos de ambos os grupos. Assim, segundo as proposições do narrador, enquanto os alemães frequentemente agrediam verbalmente os barbadianos, estes não se importavam com os insultos, sequer retrucavam.

– Quando me contrataram para fazer esse trabalho, não me avisaram que teríamos negros fazendo o mesmo serviço. (MM, p. 35).

Da parte dos barbadianos havia apenas uma indiferença hostil, eles mantinham um sentimento gregário, defensivo, ao lado da impossibilidade de compreender o ódio dos alemães (MM, p. 33).

Da estrutura proposta pelo narrador, pode-se aferir que: atribui-se a atitude dos indivíduos de ambas as nacionalidades, ao reflexo de uma memória coletiva arraigada em cada povo. De acordo com Jacques Le Goff (1990, p. 476, grifo do autor), a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Nesse sentido, os alemães são habitantes de um pequeno país na Europa, mas que comunga dos pensamentos e crenças difundidos por todo esse continente. Nesse espaço, prepondera a ideologia de povo naturalmente superior. Ideologia já semeada em 1911, tempo narrado na obra *Mad Maria*, porém que ganha força com o passar dos anos, a ponto de ser o estopim da segunda guerra (1939 – 1945)

iniciada pela Alemanha impregnada de conceitos nazistas e que provocou a morte de milhões de pessoas, as quais eram consideradas parte de uma raça inferior.

Em contrapartida, os barbadianos, descendentes de africanos, estavam marcados pelo percurso de escravidão que o seu povo havia sido forçado a trilhar. Aprenderam a se calar, a sofrer maus tratos, sem enfrentamentos. Conquanto, o grupo que vivia na construção da estrada de ferro não fossem mais escravos, resquícios do jugo da servidão ainda sobrepujavam esses seres.

Para Halbwachs (2006), há uma distinção clara entre a memória coletiva e a história. Para o estudioso, a memória coletiva é “[...] uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2006, p. 102). Enquanto a história é um conjunto de informações que o indivíduo não vivenciou, apenas aprendeu, visto que nasceu em um contexto em andamento, logo há uma série de fatos históricos que ocorreram antes desse ser estar no mundo, logo esse indivíduo não vivenciou esses fatos, ele teve acesso a eles pelos livros, revistas, TV, internet e pelas conversas com seus ascendentes. Halbwachs censura, inclusive, o termo memória histórica, asseverando que há certa infelicidade no uso desse termo, pois associa dois termos que se opõem.

Porém, contrariamente a Halbwachs (2006), Jacques Le Goff (1990, p. 477) assevera que “[a] memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Assim, história e memória não são campos dissociados, mas domínios que se cruzam:

[...] a aplicação à história dos dados da filosofia, da ciência, da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo

histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da *memória*, que atravessa a história e a alimenta (LE GOFF, 1990, p. 13, grifo do autor).

Se pensarmos conforme Le Goff (1990) o fator que impulsiona tanto os alemães quanto os barbadianos a se portarem da forma como foi mencionada acima é o cruzamento desses dois campos do saber: a história e a memória. Nesse sentido, podemos afirmar que a história influencia, de forma categórica, na formação da memória coletiva. O próprio Halbwachs (2006, p. 61) declara que o pensamento coletivo comanda a sociedade por meio de uma “[...] lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior”.

Assim, podemos pensar que essas noções, essa consciência coletiva é influenciada pela história, ou nos termos de Michael Pollak (1989), memória enquadrada. Destarte, a ideia de raça superior presente nos europeus é parte da memória coletiva desse povo, pois essa ideia se perpetua pelos séculos através da difusão por meio da história. De igual modo, a segregação vivenciada pelos antepassados dos barbadianos é passada a eles através da história, que promove o conjunto unívoco de pensamentos desses indivíduos, culminando na formação da memória coletiva desse grupo.

Michael Pollak (1992) assevera que os elementos que compõem, tanto a memória individual, quanto a coletiva são dois: acontecimentos vividos pessoalmente e acontecimentos vividos por tabela, isto é, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Desses acontecimentos, o indivíduo nem sempre participou, contudo, no imaginário tomaram tamanho relevo que a percepção sobre se participou ou não é impossível de ser estabelecida.

São esses acontecimentos que o povo desses grupos (alemães e barbadianos) participou que invadem o presente desses indivíduos,

carregam consigo a memória das ações de seus antepassados e não conseguem se desvencilhar dela.

As circunstâncias vividas por esses grupos na construção da estrada de ferro eram as mesmas. Segundo o narrador: “[t]odos estavam igualmente maltrapilhos, abatidos, esqueléticos, decrepitos como condenados de um campo de trabalhos forçados” (MM, p. 20). No entanto, as ideologias cultivadas em meio à memória coletiva dos grupos não se dissiparam, e mesmo distantes de suas terras natais, continuaram a agir conforme vivenciaram e/ou aprenderam. Assim, quando no acampamento, objetos dos alemães começam a desaparecer, o primeiro grupo a ser culpado é o dos barbadianos.

– O problema é que andam roubando coisas dos alemães, eles desconfiam dos negros – disse um dos enfermeiros. (MM, p. 27).

– Esses negros sujos, foram eles que entraram no nosso alojamento e me roubaram – repetiu o alemão (MM, p. 34).

Irritavam-se por pensarem que estavam em condição semelhante à daquela raça, considerada por eles, inferior. Contudo a verdadeira razão para o ódio ferrenho dos alemães, talvez nem eles mesmos refletissem profundamente sobre o assunto, só sabiam que o sentimento era latente. Consideravam aquelas pessoas inferiores, mas por que tinham tal prática não era discutível, simplesmente reproduziam aquilo que lhes fora ensinado. O ápice da confusão envolve o homem que teve uma camisa roubada, a única que ele tinha, seu nome é Hans.

Sem que ninguém esperasse, ele investiu contra os barbadianos, segurando a picareta no ar com as duas mãos. Embora de costas, os barbadianos ficaram unidos como por uma descarga de eletricidade. Reuniram-se no momento exato em que o rapaz alemão partiu correndo com a picareta levantada, pronto para matar [...]. Um dos barbadianos trazia um manchete preso à cintura, ele sacou a arma e com um

movimento preciso girou a lâmina com toda força, decapitando o rapaz alemão (MM, p. 36).

A agressão deixou de ser apenas verbal e tornou-se também física. Essa briga foi cessada somente por tiros disparados pelos guardas a mando do engenheiro Collier, responsável pela construção e, além disso, fortaleceu o desejo de fuga dos alemães.

Esses grupos se agarravam nos resquícios de identidade que ainda lhes restava. Michael Pollak (1992) declara que em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, mas quando se trata de memória herdada há uma relação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Nesse caso, o sentimento de identidade se refere à imagem que o indivíduo tem de si, para si e para os outros. Trata-se, portanto, da imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

O fato de estar longe de casa, em meio a pessoas de diversas nacionalidades, conduzia os alemães a uma necessidade diária de fortalecimento dos sentimentos e pensamentos que o constituíam enquanto indivíduos pertencentes a um grupo, logo, o desprezo que comungavam em relação a outro grupo, suscitava a ideia de parte de um todo uno e coeso.

A memória coletiva ao estabelecer pontos de confluências entre os indivíduos do grupo, solidifica o sentimento que o ser mantém de pertencimento a esse grupo. Assim, para Pollak (1992) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Se o engenheiro imaginava que após a evasão dos alemães, haveria calma na construção, enganou-se, pois as mesmas situações

humilhantes as quais os barbadianos passaram, foram reproduzidas por eles, tendo como alvo os hindus:

A ausência dos alemães não trouxera a paz. Os barbadianos, em menor número, estavam agora mais agressivos e não suportavam a presença dos hindus. Praticamente todos os dias algum trabalhador hindu chegava ferido ou morto na enfermaria (MM, p. 451).

Os hindus que foram para a ferrovia eram chamados párias ou intocáveis na Índia. Estavam à margem da estrutura social e segundo a crença religiosa daquele povo vieram da poeira debaixo dos pés de Brahma⁴. Dessa forma, estavam acostumados a diversas formas de maus-tratos, logo não aprenderam a reclamar ou reivindicar melhoria.

Nessas circunstâncias, a religião ganha destaque na relação de dominação entre os barbadianos e os hindus, uma vez que estes últimos, pelos ensinamentos religiosos que receberam, consideravam-se inferiores a qualquer indivíduo, logo assujeitaram-se a serem dominados, sem qualquer restrição.

Quanto à inversão de comportamento dos barbadianos, pensando conforme Pollak (1992) ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. Desse modo, a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Portanto, em relação aos alemães, talvez os próprios barbadianos tivessem aprendido que eram inferiores e se viam dessa forma, por isso não retrucavam as provocações. O silêncio pode ser revelador do consentimento interior que tinham em relação a sua própria condição de segregação. Ao passo que o outro é substituído, a imagem que os barbadianos possuíam em relação a si

mesmos e aos outros também é modificada, já não se sentiam inferiores, estavam do lado oposto da balança, eram os donos da situação.

Por conseguinte, a memória é fundamental para intensificar o sentimento de pertencimento a um grupo, mas também é essencial para a construção que o indivíduo faz de si mesmo enquanto ser constituinte desse grupo. As ações que esses indivíduos iram executar sob influência dessa memória estão pautadas em um jogo dialético entre o 'eu' e o 'outro', o ser não existe sem essa relação mútua.

A memória, então, de certa forma pode reproduzir os estereótipos que um povo tem em relação aos outros. Sem que esses indivíduos se deem conta de que estão cercados por sentimentos que não sabem a origem, simplesmente reproduzem. Assim, percebemos que tanto os barbadianos, em relação aos alemães; quanto os hindus, em relação aos barbadianos, sequer percebiam que faziam parte dessas tácitas relações de poder.

Considerações finais

Assim, em *Mad Maria*, há um diálogo constante entre passado e presente, uma vez que o narrador reencena na trama as memórias das personagens, o percurso que elas trilharam até chegarem ao ponto de encontro que é a ferrovia. Nela, trabalhadores de diversas nacionalidades coabitam, dividindo os espaços, os sentimentos e relembrando suas trajetórias e as personagens do romance são movidas pela memória, seja coletiva ou individual

Para tal, essa pesquisa constatou que a memória exerceu funções diferentes no presente das personagens, logo, no grupo de barbadianos, sintetizados na figura de Jonathan, a memória coletiva fortaleceu a união do grupo, que antes de chegar à ferrovia havia caminhado por diversos espaços, contudo, o trânsito não os dissipou. As práticas culturais, especialmente, as religiosas permaneceram

vivas na mente do grupo que se manteve coeso durante toda a construção da estrada.

Com papel distinto, a memória impulsionou a fuga dos trabalhadores alemães, cuja representante é a personagem Günter. As lembranças da liberdade, das enganações dos aliciadores que os levaram para a Amazônia, os quais haviam prometido *mundos e fundos*, contudo não cumpriram. Tudo motivou o grupo a fugir da ferrovia.

Portanto, são essas as instâncias narrativas que compõem o romance: um narrador que tudo pode e tudo vê, cujos desígnios geram personagens que são arquitetadas em um presente com intrínseca relação com o passado. Logo, como pedaços de uma colcha de retalhos o romance é constituído e as memórias das personagens são desvendadas e unidas uma às outras. E essas reminiscências são entrelaçadas ao presente da narrativa. Todas as instâncias confluindo em via única para garantir a unidade do romance.

Referências

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1985.

CARPENTIER, Alejo. Prefácio. In: **O reino deste mundo**. Trad. João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem-fantasma, a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas Literaturas Africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LOWENTAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História 17, PUCSP: São Paulo, nov. 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*,

Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau**: história, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 4. ed. Record: São Paulo, 2005.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

Notas

³ As referências da obra *Mad Maria* (2005) estarão designadas pela forma MM, acompanhada de página.

⁴ O sistema de castas na Índia foi extinto legalmente na década de 50 do século XX, entretanto ainda existe, especialmente no interior do país.

